

A DIDÁTICA COMO ELEMENTO ARTICULADOR ENTRE TEORIA E PRÁTICA¹

Daniela Corrêa da Rosa²
Isabel Cristina Corrêa Roesch³

Resumo: A Didática, no currículo dos cursos de formação do professor, apresenta-se como uma das disciplinas responsáveis pela efetivação de uma prática pedagógica repetitiva, acrítica e mecânica, quando assume uma característica eminentemente prescritiva, normativa, fundamentando-se em modelos pré-estabelecidos. O papel da Didática tem limitado-se à apreensão e transmissão de conhecimentos didáticos, isolados dos fins educacionais e sociais e, de certa forma, contribuindo para reforçar uma prática pedagógica repetitiva e mecânica. Acreditamos que a disciplina de Didática exerce função importante na sistematização e organização do ensino, ao procurar estabelecer o vínculo entre teoria e prática. A contribuição da Didática Geral para a pedagogia, enquanto área de estudo cujo objeto é o ensino, a respeito de seu conteúdo metodológico, não se vincula somente às discussões sobre o método de ensino específico de uma dada disciplina.

Palavras-chave: Formação do professor, didática, ensino e práxis docente.

Abstract: Didactic, in teacher's formation courses, comes in the curriculum as one of the responsible disciplines for a repetitive pedagogic practice, technician and without criticism, when it assumes a characteristic eminently normative, being based in old established models. The objective of the Didactic has been limiting to the apprehension and transmission of didactic knowledge, isolated of the educational and social issues and, in a certain way, contributing to reinforce repetitive and technical pedagogic practices. We believed that disciplines of Didacticism have important function in the organisation of teaching, when trying to establish the entail between theory and practice. The contribution of the General Didacticism for pedagogy, while study area whose object is the teaching, regarding its methodological content, is not only linked to the discussions on the method of specific teaching of any discipline.

Key words: Teacher's formation, didactic, teaching and educational practice.

¹ Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa Processos de formação: ressignificando a prática pedagógica de professores em exercício - CR 006680/2002.

² Professora Assistente na Unioeste - Campus de Francisco Beltrão. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Prática de Ensino e Formação no Ensino Superior - GEPEFES. E-mail: dani_cr@terra.com.br;

³ Professora Assistente na Unioeste - Campus de Francisco Beltrão. Membro do GEPEFES. E-mail: icroesch@bol.com.br.

Nos anos de 1980, vivenciamos, no Brasil, um processo de participação social que intencionava a redemocratização do país. A sociedade passou a participar com maior intensidade das discussões e das decisões políticas. Paralelamente, a educação passou a ter um espaço para os questionamentos e os primeiros eventos educacionais e publicações numa linha crítica começaram a emergir.

A educação brasileira procurou redimensionar suas antigas concepções, abordando a produção do conhecimento escolar de uma forma crítica e contextualizada, onde este conhecimento escolar deixava de ser entendido como um produto pronto, passando a ser encarado, primordialmente, como um processo.

Assim, os anos 80 passaram a ter como tônica o processo de construção do conhecimento pelo aluno, contemplando as estratégias de ensino numa perspectiva construtivista. Durante a aprendizagem, era preciso considerar o que os alunos já sabiam, sendo, portanto, necessário partir de suas realidades e de suas idéias anteriores ao ensino.

Esta nova perspectiva atingiu as diversas áreas do conhecimento. Em termos de Ciências, destaca-se o grande número de pesquisas e produções acadêmicas voltadas para um ensino construtivista.

Há duas décadas atrás, os alunos de Pedagogia e de licenciaturas, ao se referirem à disciplina de Didática como possível contribuição ao seu desempenho profissional tendiam a classificá-la como um mero receituário, que partia de pressupostos ingênuos e de aplicabilidade bastante incerta.

Cerca de dez anos mais tarde as queixas em relação à Didática eram outras: "uma disciplina excessivamente técnica, que pouco contribui para a criatividade do professor quanto ao seu desempenho do profissional".

A Didática, no currículo dos cursos de formação do professor, apresenta-se como uma das disciplinas responsáveis pela efetivação de uma prática pedagógica repetitiva, acrítica e mecânica, quando assume uma característica eminentemente prescritiva, normativa, fundamentando-se em modelos pré-estabelecidos.

O papel da Didática tem estado limitado à apreensão e transmissão de conhecimentos didáticos, isolados dos fins educacionais e sociais e, de certa forma, contribuindo para reforçar uma prática pedagógica repetitiva e mecânica. Seu corpo de conhecimento ignora completamente as condições objetivas de trabalho de nossos professores de Ensino Fundamental e Médio e de vida dos nossos estudantes.

Uma Didática caracterizada como acrítica é cheia de modismos e de regras e técnicas importadas. Disto resulta um fazer pedagógico mecanicista, uma vez que os professores aderem ao emprego de metodologias sem se preocuparem com seus pressupostos, com um estudo do contexto em que foram geradas, sem atentarem para a visão de mundo, de homem e de educação que elas veiculam.

O professor se coloca na posição de técnico que se responsabiliza pela implementação e difusão de instrumentos, procurando conseguir de seus alunos melhores rendimentos.

Uma prática pedagógica de cunho reflexiva – significa uma prática pedagógica crítica se traduz por um trabalho a ser realizado pelo professor e pelo aluno, atuando de acordo com um objeto comum.

A prática pedagógica caracterizada como reflexiva pressupõe, portanto:

- O vínculo de unidade entre teoria e prática, entre finalidade e ação, entre o saber e o fazer, entre concepção e execução, o seja, entre o que o professor pesa e o que ele faz;
- Presença da consciência;
- Ação recíproca entre professor, aluno e a realidade;
- Uma atividade criadora (em oposição à atividade mecânica, repetitiva e burocratizada);
- Um momento de análise e crítica da situação e um momento de superação e de proposta de ação.

O papel fundamental da Didática no currículo de formação de professores precisa estar em consonância com uma prática pedagógica reflexiva e crítica, contribuindo para a formação da consciência crítica.

A pergunta que estabelecemos e, que norteia nossa discussão sobre a contribuição da disciplina de Didática para a formação de professores diz respeito ao sentido de ensinar Didática nos cursos de formação de professores nos anos 90, depois do movimento de crítica e/ou negação da didática, e por que não dizer da Pedagogia, nos anos 80?

Um olhar sobre os caminhos da Didática ao longo dos tempos...

Os jesuítas durante o período de 1549/1930, foram os principais educadores de quase todo o período colonial, atuando, aqui no Brasil, de 1549 a 1759. O plano de instrução era consubstanciado na Ratio Studiorum, trazida da Europa para o Brasil, resultando em uma orienta-

ção universalista por ser adotada por todos os jesuítas, assim como pelo uso de programas e dos mesmos procedimentos metodológicos e elitistas por se destinar aos filhos dos colonos.

O ideal da *Ratio Studiorum* era a formação do homem universal, humanista e cristão. Os pressupostos didáticos diluídos na *Ratio* enfocam instrumentos e regras metodológicas compreendendo o estudo privado, alma do processo de aprendizagem em que o mestre prescrevia o método de estudo, a matéria e o horário.

A Didática no contexto da pedagogia tradicional leiga, está centrada no intelecto, na essência, atribuindo um caráter dogmático aos conteúdos, sendo seus métodos, princípios universais e lógicos. O método pedagógico mais empregado é o expositivo, calcado nos cinco passos formais de Herbart: preparação, apresentação, comparação e assimilação, generalização e, por último, aplicação.

O professor se torna o centro do processo da aprendizagem, concebendo o aluno como um ser receptivo e relativamente passivo.

No período de 1930 a 1945, foram anos de efervescência cultural, tendo em vista o surgimento de novos grupos sociais e a discussão em torno da recomposição do poder público. A necessidade da expansão do ensino e a preocupação com sua qualidade levariam ao aparecimento dos primeiros “profissionais da educação” e a introdução dos princípios da Escola Nova. A qualidade do ensino ministrado é a preocupação básica do fenômeno chamado de “otimismo pedagógico”.

Até 1937, o Brasil passa por um período mais ou menos transitório que, para muitos historiadores, é um período de acomodação das forças políticas. A origem da Didática, como disciplina dos cursos de formação de professores em nível superior, está vinculada à criação da Faculdade de Didática em 1934, sabendo-se que a qualificação do magistério era colocada como ponto central para a renovação do ensino.

O artigo 20 do Decreto – Lei nº 1190/39, a Didática foi instituída como curso e disciplina. Com duração de um ano, o Curso de Didática constituía-se das seguintes disciplinas: Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos Biológicos da Educação, Fundamentos Sociológicos da Educação.

Em 1937, ao assumir o poder com o auxílio de grupos militares e apoiados pela classe burguesa, Vargas implanta o Estado Novo, ditatorial, que persistiu até 1945. O Estado Novo atuou em favor do “realismo em educação”, ou seja, o processo educativo visto, em seus vínculos com a sociedade a que serve mas no desempenho de seu papel de

conservação, isto é, a escola como mantenedora do status quo. A Didática é entendida como um conjunto de idéias e métodos, privilegiando a dimensão técnica do processo de ensino, fundamentada nos pressupostos psicológicos ou pedagógicos e experimentais, cientificamente validados na experiência e constituídos em teoria, ignorando o contexto sócio-político-econômico.

No período de 1945 a 1960, a fase corresponde à aceleração e diversificação do processo de substituição de importações e a penetração do capital estrangeiro. O modelo político é baseado nos princípios da democracia liberal mais ou menos clássica, com crescente participação das massas. É o Estado populista-desenvolvimentista representando uma aliança entre empresariado e setores populares, contra as oligarquias.

Nesta fase, o ensino da Didática também se inspirou no liberalismo e no pragmatismo.

No período pós-1964 caracterizado como período correspondente aos descaminhos da Didática. O quadro que se instalou no país com o movimento de 1964 alterou a ideologia política, a forma de Governo e, conseqüentemente, a educação. Com a deposição de João Goulart, colocou-se em prática a ideologia da interdependência, que se ajusta ao modelo econômico vigente.

O período compreendido entre 1960 e 1968 é marcado pela crise da Pedagogia Nova e pela articulação da tendência tecnicista, assumida pelo grupo militar e tecnocrata. A educação passa a ser enfatizada como um derivado do projeto de desenvolvimento econômico. A partir do objetivo “desenvolvimento econômico com segurança”, o produto inadequado do sistema escolar era apontado como responsável, por um lado, “pela baixa qualificação da mão-de-obra, e, portanto, pela desigualdade de distribuição de renda, e por outro, pelo despreparo das massas para o processo político”.

O enfoque do papel da Didática a partir dos pressupostos da Pedagogia Tecnicista procurou desenvolver uma alternativa não-psicológica, situando-se no âmbito geral da Tecnologia Educacional, tendo como preocupação básica a eficiência e a eficácia do processo de ensino. Essa Didática tem, como pano de fundo, uma perspectiva realmente ingênua de neutralidade científica.

Na tentativa de ultrapassar o tecnicismo, cuja ênfase está na dimensão técnica, adentrou-se no campo oposto, ou seja, no politicismo, com ênfase na dimensão política. Assim as dimensões técnica e política

da Didática são contrapostas, pois a afirmação de uma leva à negação da outra. Acontece que a dimensão política da Didática foi reduzida ao ato de “discutir sobre”, do “falar sobre”, não saindo do discurso da denúncia dos determinantes sociais da educação e da própria escola.

No final dos anos 70 o país vive uma política econômica denominada de “desenvolvimento integrado”, tendo em vista que o desenvolvimento econômico deveria ocorrer integradamente com o social e o político.

Neste quadro insere-se a educação da nova República. Os objetivos proclamados são aparentemente os mesmos dos anos de autoritarismo e inserem-se nos ideais de valorização e recuperação da educação em todos os níveis, de assegurar os recursos financeiros, torná-la democrática e universal com ênfase no fortalecimento do professor, apoio ao estudante e recuperação da rede física, dentre outros.

A Didática no bojo da Pedagogia Crítica auxilia no processo de politização do futuro professor, de modo que ele possa perceber a ideologia que inspirou a natureza do conhecimento usado e a prática desenvolvida na escola. Enfim, a Didática deve contribuir para ampliar a visão do professor quanto às perspectivas didático-pedagógicas mais coerentes com nossa realidade educacional, ao analisar as contradições entre o que é, realmente, o cotidiano da sala de aula e o ideário pedagógico calcado nos princípios da teoria liberal, arraigados na prática dos professores.

O ensino é concebido como um processo intencional de difusão e elaboração de conteúdos educacionais e, mais especificamente, nos de Didática, a as discussões privilegiam a análise crítica da educação, com uma visão histórica e preocupada com a transformação da sociedade.

- A Didática Tradicional acentua a transmissão de conhecimentos. O seu formalismo é caracterizado como um formalismo lógico, em que os métodos de ensino são princípios universais e lógicos. O ensino é concebido a partir de seu aspecto material, ou seja, a transmissão do saber historicamente acumulado. O enfoque da Didática é centrado nos conteúdos.

- A Didática escolanovista é centrada nos métodos e técnicas didáticas. O elemento formal é o psicológico, voltado para a atividade do aluno. É uma Didática de base psicológica.

- No enfoque tecnicista, a Didática é vista como estratégia para alcançar produtos previstos. O formalismo se expressa através do técni-

co, isto é, privilégio dos meios automatizados. A dimensão técnica é privilegiada em detrimento das demais dimensões. O processo de ensino é mecanizado e alicerçado nos pressupostos da tecnologia educacional, visando a sua produtividade e, conseqüentemente, o alcance da eficiência e da eficácia.

- A Didática a partir das teorias crítico-reprodutivistas, ao buscar a sua desmistificação e evidenciar o conteúdo ideológico do ensino, nega a sua especificidade, isto é, a sua dimensão técnica, apresentando um outro tipo de formalismo, o social, com ênfase na dimensão política. Dessa forma, reduz a Didática a uma antididática, negando a sua dimensão técnica.

O que se encontra no Brasil, do início do século XX até a primeira metade da década de 1970, é uma Didática que trata o ensino de forma acrítica e positivista, através do estudo dos seus elementos e subprocessos (aluno, professor, objetivos, planejamentos etc.). Essa Didática, que enfatiza a dimensão técnica e pretensamente neutra do ensino, dissimula e reforça o contexto no qual foi produzida e ao qual ela serve.

Quanto à questão da especificidade e da identidade da Didática, a proposta defende, em termos de seu objeto de estudo e conteúdo como objeto dessa Didática, o ensino considerado, em sua essência, um meio através do qual os atores da situação pedagógica se relacionam com o mundo e com os homens e que se concretiza na aula.

A Didática que Oliveira (1992) propõe resgata os princípios que permeiam o caráter crítico da Didática atual, dentro de uma nova estrutura de totalidade. Essa totalidade não seria discutida e analisada a partir de elementos constitutivos do ato didático (conteúdo, método, avaliação, planejamento etc.), e sim, a partir de totalidades menores, que a determinam. Essas totalidades menores traduzem-se, em termos de conteúdos dessa nova Didática, nos seguintes núcleos de discussão:

- Dimensão histórica – natureza, objeto e conteúdo da Didática em seu processo de construção histórica;

- Dimensão antropológica – o trabalho docente e sua organização na sociedade brasileira;

- Dimensão ideológica – o papel do ensino tendo-se em vista as relações entre fins pedagógicos e fins sociais;

- Dimensão epistemológica – conteúdo e forma; a relações entre método de organização da matéria.

A evolução da Didática no Brasil, a partir do início da década de

1980, registra no interior da crítica e da revisão da área movimento contraditório de sua negação ou de sua afirmação em novas bases. Pela negação ...

A prática de ensino da Didática, a prática de pesquisa na escola de Ensino Fundamental e Médio, estudos na área e os debates da comunidade científica na área de Didática têm manifestado questões desafiantes, a partir de sua pretensão de propor uma nova Didática. Tais questões giram, sobretudo, em torno de dois pontos: quer no sentido de demandas de maior explicação, aprofundamento e contextualização da proposta delineada, situando-a no âmbito do movimento de revisão crítica da Didática, quer no sentido de questionamentos acerca do objeto e do conteúdo da área, naquilo que a proposta parece ter de original.

O momento atual não estaria a exigir discussões sobre os processos de construção e não mais sobre o objeto e conteúdo da Didática?

A compreensão e a construção do fenômeno do ensino na escola brasileira, no seio da perspectiva dialético-materialista, implica tratá-lo como uma totalidade concreta em movimento, cuja essência tenta-se captar, por meio de aproximações sucessivas, sabendo-a inexaurível ao conhecimento.

O estudo do processo de construção da Didática, área cujo objeto de estudo é o ensino, à luz da dialética materialista, implica o estudo de trabalhos na área, buscando elementos que orientem a construção de uma Nova Didática no seio e para além dos limites dentro dos quais o tratamento do ensino vem sendo construído.

As discussões sobre a Didática, em seus aspectos internos de diferentes concepções e formas de tratamento do ensino, apontam diferentes propostas na área e que, não raro, são discutidas à luz de tendências pedagógicas (tradicional, tecnicista etc.) com as quais se relacionam. A questão é, de certa forma, resolvida quando as propostas de Didática são tratadas à luz do contexto brasileiro no qual foram produzidas, salientando-se, sobretudo, as relações entre a educação e o contexto social mais amplo, e discutindo-se a funcionalidade daquelas propostas naquele contexto. De acordo com Oliveira (1992) é comum professores levantarem questões sobre se estão sendo, ou não, tradicionais, escolanovistas, conteudistas, etc., nos exercícios didáticos que propõem para seus alunos.

Neste sentido, os estudos realizados chamam a atenção para alguns pontos importantes nas discussões sobre os aspectos legais na construção da Didática, nos currículos dos cursos de formação de professores, pois a introdução da didática como disciplina na complementação pedagógica obrigatória para a obtenção da licenciatura foi implementada pelo decreto-lei 1.190, em 4 de abril de 1939. Pelo decreto-lei, a Didática aparece na complementação pedagógica obrigatória à obtenção da licenciatura, ao mesmo tempo como curso (envolvendo todas as matérias de formação pedagógica) e como disciplina. Pouco a pouco, o curso de Didática vai se extinguindo, até que o Decreto-lei nº 9.092, de 26 de março de 1946, acaba definitivamente com sua obrigatoriedade. A Didática permanece como disciplina da licenciatura, com objetivos, conteúdos e métodos estreitamente relacionados às direções que a área vem assumindo em seu desenvolvimento histórico.

O papel da Didática na formação do educador e a crise de identidade da área

Este papel tem sido considerado irrelevante, sobretudo com base na concepção de ensino como arte, com base nas críticas às normas prescritivas que a Didática impõe. Quanto ao campo da Didática, inicialmente importa lembrar o fato de as discussões sobre a natureza da área, serem desenvolvidas num universo de considerações que se referem, quer à sua natureza enquanto um campo de conhecimento, quer à sua natureza enquanto uma disciplina escolar, em suas relações com outras disciplinas nos currículos de formação do educador.

A contribuição da Didática Geral para a pedagogia, enquanto área de estudo cujo objeto de estudo é o ensino, a despeito de seu conteúdo metodológico, não se vincula somente às discussões sobre o método de ensino específico de uma dada disciplina.

No Brasil, a área de Didática constitui um campo de conhecimento sobre o ensino. As sistematizações e a práticas nessa área vêm se desenvolvendo em pelo menos três universos estreitamente relacionados: o corpo teórico da Didática, tal como construído pela prática da pesquisa e do ensino na área; a prática da pesquisa propriamente dita e a prática do ensino de Didática.

Do século XIX, com a Didática Magna de Comênio, até o princípio do século XX, as preocupações principais da área da Didática eram as finalidades da educação e do ensino e os conteúdos culturais a se-

rem dominados pelos homens. Do século XIX até a primeira metade do século XX, essas preocupações vão se reduzindo ao estudo de métodos e técnicas para ensinar, desvinculado de preocupações com finalidades, propondo-se o método experimental na pesquisa, para a construção do saber didático, e, no ensino, à luz do escolanovismo, a substituição dos métodos verbais e intuitivos pelos métodos ativos.

Estudos mostram que, até a década de 1950, o ensino de Didática no âmbito acadêmico universitário, no Brasil, privilegia objetivos, temas e procedimentos técnico-metodológicos com inspiração escolanovista, congruentemente com a orientação que predomina no interior do seu processo de desenvolvimento teórico.

A didática também exerce função importante na sistematização e organização do ensino, ao procurar estabelecer o vínculo entre teoria e prática. O conteúdo educativo, isto é, o saber sistematizado, não pode ser adquirido de maneira espontânea e desorganizada e muito menos de forma arbitrária. Sua transmissão deve ser orientada para os objetivos da proposta educativa comprometida com a transformação social.

A teoria e a prática didáticas buscam formas de intervenção para provocar determinados resultados-transformação do real dentro do âmbito do possível, muitas vezes contraditórios. Portanto, a própria finalidade da intervenção didática é objeto de debate e de confrontação, movendo-se necessariamente no território incerto dos valores, das opções éticas e políticas, mostrando que a Didática requer inevitavelmente as aportações de outros campos do saber.

Sendo o processo de ensino-aprendizagem objeto de estudo da Didática, não podemos deixar de questionar: como possibilitar uma aprendizagem relevante que se apóie nas experiências e nos saberes que o aluno foi adquirindo, na sua vida escolar e fora dela, e os questione?

Como conseguir que os conceitos teóricos que servem para uma análise da realidade se incorporem ao pensamento do aluno como poderoso instrumento de conhecimento, análise e resolução de problemas da prática cotidiana, e não como meros conhecimentos retóricos que ele utiliza para obter aprovação e esquecer em seguida?

A formação docente é hoje concebida como um processo contínuo de profissionalização, em que a formação inicial é simplesmente o primeiro momento.

O conhecimento profissional docente deve permanecer em estado de contínua construção e de contínuo aperfeiçoamento, para que ele se mantenha em dia com o desenvolvimento acelerado tanto no conhe-

cimento científico, na cultura e na arte, bases do conhecimento escolar, como nas estruturas materiais e institucionais da sociedade, com reflexos significativos nas formas de pensar, agir e sentir das novas gerações de alunos. O docente deve também acompanhar a evolução dos conhecimentos específicos da formação pedagógica, o que o capacita a intervir e a refletir sobre sua própria prática.

Por outro lado, a formação de professores não pode ser considerada como um âmbito autônomo de conhecimento e decisão. Ela é profundamente determinada por concepções de escola e de ensino, de conhecimento e de sua produção, transmissão e aprendizagem, de relação teoria-prática, de cultura e de sociedade.

O ponto central das discussões e das propostas de formação do professor tem girado em torno da questão da defasagem entre a formação acadêmica, proporcionada pelos cursos de licenciatura, e a realidade escolar, ou seja, entre a teoria e a prática. Como romper com a tradicional separação entre o conhecimento teórico e o prático? Da forma de entender a relação teoria e prática vão resultar concepções diferentes de formação de professores.

É fundamental que o professor não só compreenda, interprete e explique a realidade da sala de aula, da escola e do ensino, mas também intervenha sobre ela. Esse tipo de trabalho exige um tipo de conhecimento profissional peculiar na interseção da teoria e da prática.

Caminhar nesta direção implica, para nós, professores, uma preocupação tanto com a natureza do conhecimento a ser apropriado pelos alunos, futuros professores, como com o desenvolvimento de sua capacidade de reflexão e envolve, pelo caráter intencional do processo de ensino e aprendizagem, também preocupações com opções ético-políticas.

Assim, nossa concepção de formação do professor pretende superar o modelo de reflexão na e sobre a ação, proposto por Schön (1999), como profissional crítico, capaz, por um lado, de identificar os determinantes sociais mais amplos que condicionam sua prática docente, bem como as condições materiais da escola que estabelecem os limites para seu trabalho, e, por outro lado, como sujeito histórico do processo de ensino e aprendizagem, de criticar e transformar o cotidiano escolar em razão de determinado projeto escolar.

No processo ensino e aprendizagem como prática social na qual o professor desempenha papel de destaque, o trabalho docente constitui uma atividade historicamente construída, que expressa a ação de-

envolvida pelo professor.

O trabalho docente é visto como práxis, em que a unidade teoria-prática se caracteriza pela ação-reflexão-ação. E, também, porque só como práxis o professor aprende, compreende e transforma a situação do ensino, ao mesmo tempo em que é transformado por ela. Contudo, a práxis não acontece espontaneamente. Ela é construída, e dessa construção participa a formação acadêmica do professor.

A práxis docente pode apresentar-se em diferentes níveis, de acordo com o comportamento dos atores nela envolvidos, comportamento que tanto pode limitar-se à práxis repetitiva ou à práxis mimética, como pode chegar à práxis criadora, que pressupõe um maior grau de consciência. A práxis repetitiva caracteriza-se pela repetição de atos; na práxis mimética, existe a criação baseada em modelos. A práxis criadora caracteriza-se pela "produção ou autocriação" do próprio homem, é determinante, já que é exatamente ela que lhe permita enfrentar novas necessidades, novas situações. O homem é o ser que tem de estar inventando ou criando constantemente novas situações.

É nessa perspectiva que concebemos o trabalho docente. Acreditamos que a Didática participa da construção da práxis docente criadora, no momento em que propicia aos alunos de licenciatura a oportunidade de compreensão da prática pedagógica presente em nossas instituições escolares. Na compreensão dessa prática são importantes sua descrição e sua leitura, fundamentada teoricamente. Ao mesmo tempo em que discutimos o caráter teórico da Educação e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem, idealizamos a possibilidade de reconstrução desse processo. A didática, nesse momento, por intermédio de suas dimensões explicativa e projetiva, participa da construção da práxis docente, que só acontece realmente no efetivo exercício da docência, na realização do trabalho docente.

Como trabalho, a docência tem seu conceito mais bem compreendido quando tem em vista o significado de seu trabalho humano. No processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho.

Na construção dessa práxis, importa observar como se relacionam os elementos do processo de ensino e aprendizagem: professor, aluno e conhecimento.

A Didática apresenta, portanto, duas dimensões: a explicativa,

que possibilita a compreensão de seu objeto de estudo, e a projetiva, que viabiliza a proposição de novas formas de ação didática. Tais dimensões apresentam-se numa relação dialética de dependência, pois "a razão de ser, a justificativa última do aprofundamento na compreensão do ensino se encontra em gerar novas propostas de ensino".

A Didática tem como objetivo propiciar ao aluno, em sua formação inicial, a oportunidade de compreender e explicar o processo de ensino-aprendizagem. Para tal, apóia-se na reflexão coletiva e interdisciplinar, em atividades pedagógicas como: vivências discentes, observação em sala de aula. Essa reflexão, coletiva e interdisciplinar, ao buscar na teoria elementos que iluminem a prática, permite a elaboração de sínteses teórico-práticas que servirão de subsídio à futura prática profissional do aluno, momento em que sua formação adquirirá formas mais concretas.

No processo de ensino e aprendizagem, a relação entre seus principais elementos-professor e aluno- não se esgota neles mesmos. Outro elemento básico a ser considerado nessa relação é o conhecimento. Quem aprende, aprende alguma coisa. No processo formal de ensino e aprendizagem que acontece nas instituições escolares, quase sempre identificamos essa "alguma coisa" com o conteúdo, isto é, o saber escolar, o saber organizado e elaborado com base em uma determinada área de conhecimento, já construído e sistematizado cientificamente.

Essa identificação, no entanto, não considera que, no processo de ensino e aprendizagem, se aprende muito mais do que o conteúdo da disciplina, ou seja, o currículo escolar é muito mais amplo, pois a função-chave da prática educativa é desenvolver na infância e na juventude a reflexão crítica sobre o mundo natural e social em que vivemos, enquanto se adquirem os recursos básicos que lhes permitam incorporar-se com mais possibilidades à vida pública e privada em nossa sociedade.

Assim concebido o conhecimento, a singularidade da didática está em propiciar o exercício da docência, ao mesmo tempo em fala sobre ela.

A partir destas reflexões, numa perspectiva de mudança é que propomos um repensar/ressignificar da Didática nos cursos de formação de professores, possibilitando uma prática ao mesmo tempo, que inovadora, também é reflexiva.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita N. Sales. **Alternativas no ensino de didática**. 2ª ed. Coleção Prática Pedagógica. Campinas/BRA: 1997.
- CANDAUI, Vera Maria (org). **A didática em questão**. 5ª ed. Petrópolis/BRA: Vozes
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro/BRA: Imago, 1976.
- NÓVOA, António (Org.) **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.
- OLIVEIRA, Maria Rita N. Sales (orgs). **A reconstrução da didática: elementos teórico-metodológicos**. 3ª ed.. Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico Campinas/BRA: Papyrus, 1992.
- PICONEZ, Stela C. B.. **A prática e ensino e o estágio supervisionado**. Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas/BRA: Papyrus, 1991.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. Coleção polêmicas do nosso tempo. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SCHÖN, Donald A. **La formación de profesionales reflexivos**. Barcelona. Ed. Paidós, 1999.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília (org.). **As dimensões do Projeto Político-Pedagógico: novos desafios para a escola**. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico. Campinas: Papyrus, 2001.
- _____. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 4ª ed. Campinas/BRA: Papyrus, 1989.